



Câmara Municipal de Leiria

As pessoas e o Centro Histórico de Leiria

Departamento de Planeamento

Divisão da Habitação e Reabilitação Urbana

Índice

1 - Introdução	1
2 - A estrutura do sistema urbano	2
3 - Património e identidades locais	4
3.1 - Caracterização física	4
3.1.1 - O edificado	4
3.1.1.1 - O estado de conservação	5
3.1.2 - O espaço público	7
3.2 - Caracterização dos transeuntes - variáveis clássicas	11
3.2.1 - Sexo	11
3.2.2 - Profissão	11
3.3 - Movimentos Urbanos	11
3.3.1 - Onde reside	12
3.3.2 - Motivo de ida ao CH	12
3.3.3 - Sectores comerciais mais frequentados	13
3.4 - Relação com o Centro Histórico	13
3.4.1 - Definição de Centro Histórico	13
3.4.2 - Elementos identitários da cidade	14
3.4.3 - A vizinhança	15
3.4.4 - A violência	15
3.4.5 - Viver aqui	16
3.3.6 - Gosto pelo local	17
3.4.7 - Principais motivos de preocupação	18
3.5 - Acções a definir	19
4 - Conclusão	19

Índice de figuras

Imagens

- Imagens 1 e 2 - A cidade de Leiria e o seu Centro Histórico
- Imagem 3 - Limite do Centro Histórico e respectivas áreas de intervenção I, II, III
- Imagem 4 - A estrutura do sistema urbana
- Imagem 5 - Época de construção dos edifícios
- Imagem 6 - Planta de localização dos edifícios degradados
- Imagem 7 : Fotos da Praça Rodrigues Lobo (antigamente / actualmente)
- Imagem 8 - Fotos de actividades da Praça (antigamente / actualmente)
- Imagem 9 : Fotos da noite no Terreiro

Quadros

- Quadro 1 - Número de edifícios degradados, por área
- Quadro 2 - Sexo
- Quadro nº3 - Profissão
- Quadro nº4 - Onde reside
- Quadro nº5 - Porque se encontra neste local
- Quadro nº6 - No CH quais os comércios/serviços que mais frequenta
- Quadro nº7 - O que é para si o CH
- Quadro nº8 - Quando descreve a cidade a que elementos recorre mais frequentemente
- Quadro nº9 - Como considera as relações de vizinhança
- Quadro nº10 - Expressões de violência
- Quadro nº11 - O agregado pretende continuar a viver no Centro Histórico
- Quadro nº12 - Quer continuar a viver no C.H, porquê:
- Quadro nº13 - Não quer continuar a viver no C. H, porquê:
- Quadro nº14 - Gosta do CH
- Quadro nº15 - Qual a sua principal preocupação em relação ao CH
- Quadro nº16 - O que considera urgente fazer para alterar a situação

Gráficos

- Gráfico nº1 - Sexo
- Gráfico nº2 - Profissão
- Gráfico nº3 - Onde reside
- Gráfico nº4 - Motivo de ida ao CH
- Gráfico nº5 - Motivo de ida ao CH
- Gráfico nº6 - Definição de Centro Histórico
- Gráfico nº7 - Quando descreve a cidade a que elementos recorre mais frequentemente
- Gráfico nº8 - Gosta do CH
- Gráfico nº9 - Qual a sua principal preocupação em relação ao CH
- Gráfico nº10 - Qual a sua principal preocupação em relação ao CH

1 - Introdução

Actualmente atribui-se especial atenção ao crescimento das cidades, atendendo às suas condicionantes económicas e aos mecanismos políticos que intervêm no ordenamento do espaço, constituindo o planeamento um factor crucial para a sua organização.

Os problemas urbanos não são estudados com base no paradigma da desintegração e integração, mas sim como um problema de **gestão do sistema urbano**, sendo ainda o Estado o principal agente do planeamento urbano.

Num processo de reabilitação urbana, importa ter em atenção os tecidos sociais existentes portadores de uma identidade própria. Ao remetermos as principais inquietações dos transeuntes para a estrutura do sistema urbano, temos que ter em atenção que estas não resultam da vivência num meio fechado, mas são fruto de um conjunto de interações com as várias dimensões da urbe e da sociedade em que se inserem.

“É necessário saber como a sociedade assume configurações diferentes e como as relações sociais se produzem e se reproduzem no seu interior. E conhecê-la desta maneira é descobrir que os fenómenos sociais não se operam por acaso nem dependem da vontade ou das ideias de alguns indivíduos” (Fernandes, 1983: 41).

Ao se remeter a compreensão dos costumes e principais inquietações da população para a estrutura social, não se descure, de modo algum, o peso que os factores endógenos têm na rede de sociabilidades e identidade local.

A relação entre os factores sociais e a reabilitação urbana deve estar intrinsecamente ligada, por forma a permitir que os tecidos sociais portadores de uma identidade própria sejam respeitados e valorizados.

No sentido de melhor abordarmos as questões relacionadas com a interpretação dos elementos de referência na cidade, é necessário perceber as diferentes configurações das relações que se produzem e reproduzem no seu interior.

Neste relatório analisamos a forma como as pessoas interpretam e se relacionam com o Centro Histórico, tentando perceber qual o lugar que ocupa no seio desta nova realidade urbana, composta pela cidade tradicional e a cidade explodida. Este exercício de análise visa levantar algumas questões sobre a relação entre o espaço público e os modos de vida dos transeuntes de forma a podermos tirar algumas ilações sobre a identidade do local.

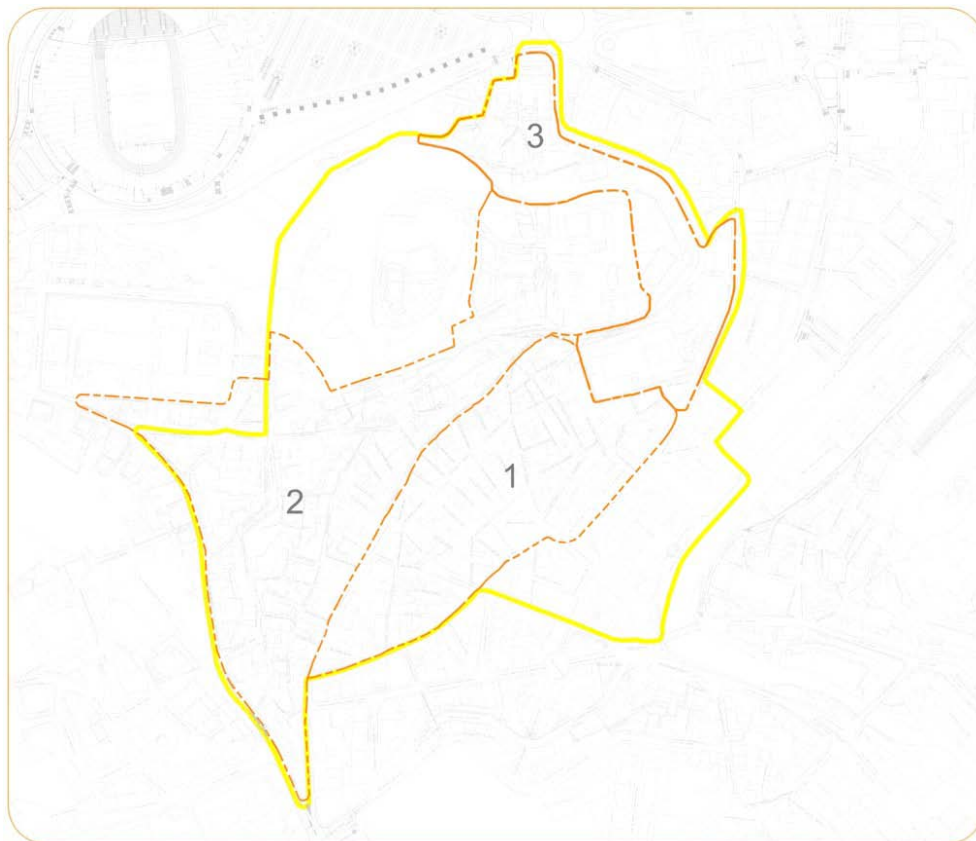
A aplicação dos inquéritos aos transeuntes do Centro Histórico não obedeceu a qualquer ordem sequencial, tendo sido feita de forma aleatória às pessoas com mais de 16 anos. A amostragem obtida não pode ser considerada representativa, visando funcionar apenas como indicador de tendências.

Imagens 1 e 2 - A cidade de Leiria e o seu Centro Histórico



Fonte: DHRU, CML

Imagem 3 - Limite do Centro Histórico e respectivas áreas de intervenção I, II, III



Câmara Municipal de Leiria | Departamento de Planeamento e Urbanismo | Divisão de Habitação e Reabilitação Urbana | Estudo Sócio-Demográfico do Centro Histórico da Cidade de Leiria | Maio 2006 |

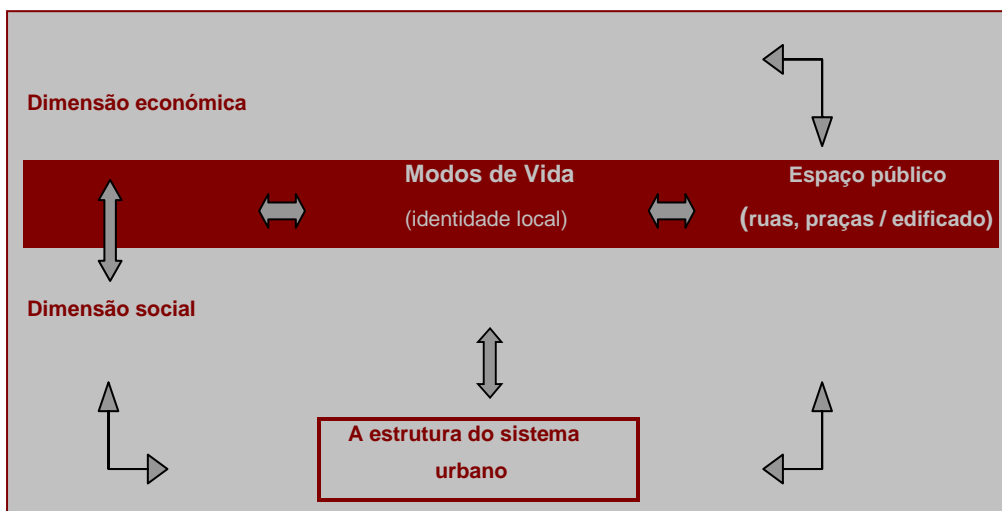
Legenda:

- - Área do Centro Histórico Segundo PDM
- - - - Áreas Morfológicas / Funcionais
- 1 - Área Comercial
- 2 - Área Encosta Sul-Poente
- 3 - Área Encosta Norte-Nascente

2 - A estrutura do sistema urbano

O urbanismo quotidiano ao analisar o local visa perceber a interconexão entre a realidade económica, a realidade social e os modos de vida, sendo o espaço público o palco dessas manifestações. A apreensão do real é crucial para analisar as dinâmicas de transformação do sistema urbano.

Imagem 4 - A estrutura do sistema urbana



Fonte: (GUERRA, 1991) e Castells, 1984)

Do ponto de vista do “urbanismo quotidiano” o **espaço** influencia os modos de vida e ao agir sobre o espaço estamos a interferir na sociedade. O espaço público reflecte o projecto de cidade funcionando como lugar de “(...) conflito, de conciliação, ou de reparação das relações sociais.” (GUERRA, 2002:3). Qualquer intervenção no espaço, porque interfere em toda a complexidade sistémica da urbe, deve ter como objectivo um desenvolvimento integrado que ultrapasse a fase da gestão sectorizada dos problemas sociais e da cidade, sendo crucial integrar as diferentes esferas urbanas.

“(…) A cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana” (Park, 1967:29).

A **apropriação do espaço** só se consegue apurar após a análise da forma como o homem interioriza os signos que ele traduz, como reage e como reinterpreta esse espaço e esses signos.

O desenho urbano, sendo o suporte do urbanismo, é algo mais do que os elementos físicos devendo por isso ter as suas regras bem definidas e identificar os suportes da forma urbana. Nesta fase, o desenho deverá respeitar os movimentos sociais e reforçar, sempre que os diagnósticos o justifiquem, a criação de espaços susceptíveis de permitir a sua “**apropriação**” assumindo ainda um importante papel de suporte nas manifestações e desenvolvimento social.

Tendo a cidade uma componente vital, o bairro numa menor dimensão vai também ser determinante, uma vez que reflecte materialmente no espaço alguma da homogeneidade da população que o habita. Isto pode-se constatar através das práticas de **consumo**, das práticas de **vizinhança** e dos **movimentos urbanos**. Sempre que falamos no Centro Histórico, temos que ter presente que este enquanto espaço delimitado de interacção molda as práticas de sociabilidade que nele ocorrem, por exemplo através do traçado das ruas.

A vizinhança assume um papel muito importante uma vez que a proximidade e contacto entre vizinhos são a base para a mais simples e elementar forma de organização da vida cidadina, apesar de termos ter em conta que este conceito tem sofrido alterações devido às mudanças de organização física, económica e social.

O centro histórico enquanto espaço acolhedor dos corpos físicos, sociais, culturais e económicos, constitui um suporte que situa e localiza o homem no meio social. A realidade espacial ilustra a **dimensão social e económica**, mas também funciona como o testemunho da memória colectiva.

As mudanças operadas resultam das alterações sociais, materiais e simbólicas. Os signos e os códigos do espaço são motores das formas de comportamento humano, provocando a reorganização espacial e dos lugares.

Isabel Guerra in Políticas Urbanas afirma que o urbanismo tende a valorizar os grandes **movimentos** e as grandes funções da cidade e descarta a escala temporal e geográfica do quotidiano. É necessário atender às pequenas realidades locais e aos simples movimentos do quotidiano, pois a partir do conhecimento do particular podemos ter a pretensão de conhecer o geral.

A autora fala ainda da qualidade da cidade enquanto um dos quatro tipos de tensões urbanas. Uma cidade sem qualidade é aquela que **não tem as infra-estruturas sociais** necessárias, **tem espaços guetizados**, tem más condições de **mobilidade / acessibilidade e crise identitária**.

A cidade só tem qualidade se houver uma **identidade urbana** consistente que se caracterize pelo reconhecimento local onde se habita ou se frequenta e se a pessoa se identifica com esse mesmo lugar. É este facto que alimenta o sentido de pertença ao bairro ou à cidade, surtindo efeitos positivos na forma de apropriação individual, familiar e colectiva da vida local.

3 - Património e identidades locais

3.1 - Caracterização física

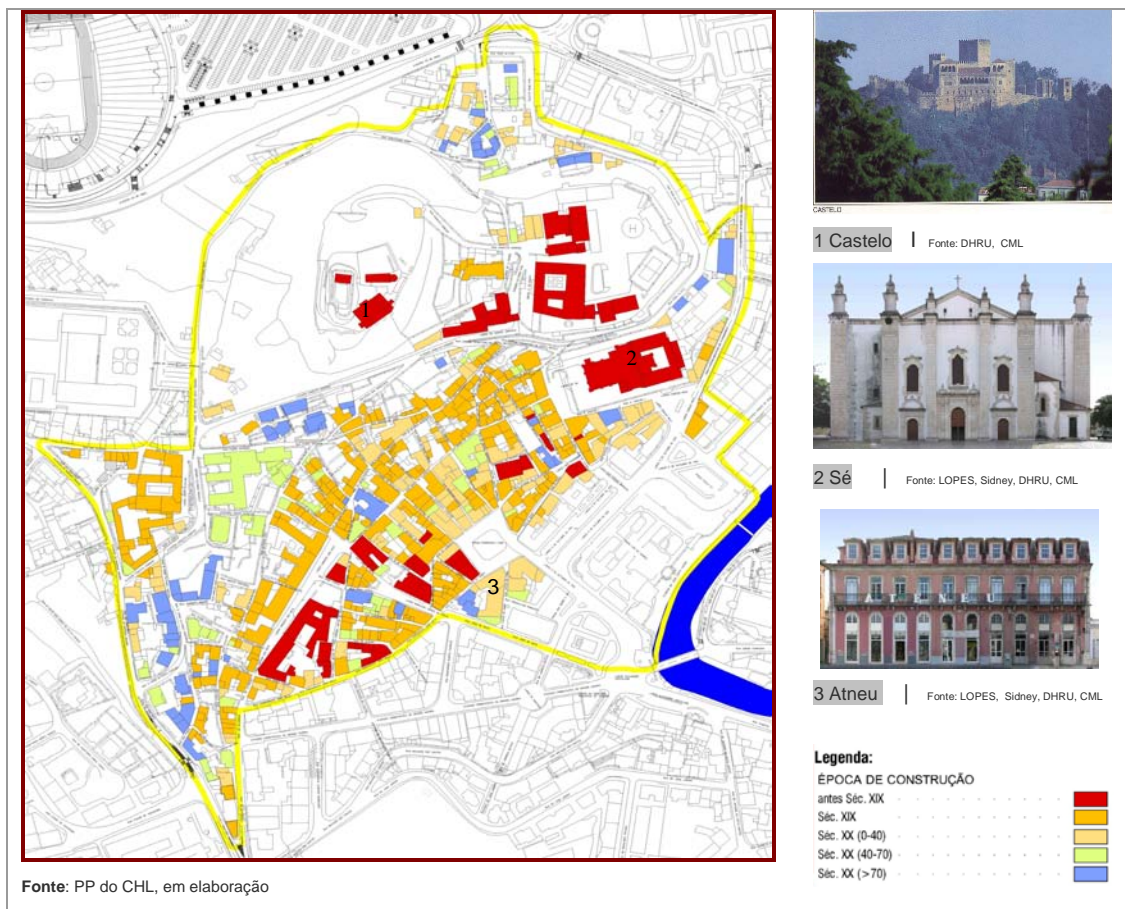
3.1.1 - O edificado

Estamos perante um edificado de herança medieval, de caris essencialmente residencial, com excepção da Baixa Comercial, constituído por casas urbanas unifamiliares arrendadas.

O património edificado assume um lugar de destaque na definição do Plano de Pormenor do Centro Histórico da cidade de Leiria, PP4. Neste campo, tanto os interesses públicos como os privados devem convergir no sentido de se avançar com uma política consistente que satisfaça os actores, mas que tenha sempre na base o respeito pela identidade e memória que o edificado e a morfologia urbana encerram.

No sentido de melhor percebermos a realidade e memória do edificado do centro histórico de Leiria, importa ter presente qual é o valor arquitectónico e cultural, na medida em que este é caracterizado por pertencer a uma "(...) zona de alto valor histórico, cultural e ambiental, integrando edificações de especial interesse arquitectónico e urbanístico, pelo que deverão ser conservadas, recuperadas e valorizadas as características gerais das malhas urbanas e as características arquitectónicas dos edifícios de maior interesse patrimonial" (a) do art.6º da Resolução do Conselho de Ministros nº 84/95, ratifica o Plano de Director Municipal de Leiria.

Imagem 5 - Época de construção dos edifícios



A morfologia actual da área do centro histórico, com 29,4 hectares, é de extremo valor uma vez que a maior parte das ruas datam do século XV, ainda que tenha mudado a toponímia.

As plantas do início do século XX permitem-nos constatar uma similitude quase inalterada da morfologia urbana do centro histórico nos últimos cem anos.

Por outro lado, o seu valor histórico é inquestionável, sendo de destacar os edifícios mais emblemáticos da cidade (Castelo, PSP, Sé Catedral, Biblioteca Municipal / CEDIL, ATNEU ...) parte deles construídos antes do século XIX. O castelo data da época da reconquista de Leiria aos Mouros por D. Afonso Henriques. Do século XIX há um número muito significativo de edifícios e os mais emblemáticos foram propriedade de famílias nobres da cidade. A partir dos anos 40 do século XX, houve alguns edifícios que foram construídos em especial nas Zonas da Encosta SUL-Poente e Norte-Nascente verificando-se que parte do seu edificado tem um perfil construtivo que não combina com a categoria que assume actualmente - Centro Histórico.

3.1.1.1 - O estado de conservação

Esta área apresenta também ao nível do **estado de conservação** dados preocupantes uma vez que apenas 9.3% dos edifícios se encontra em Bom estado, 48.5% é considerado Razoável (apesar de necessitar de obras de conservação), 35.9% está em Mau estado e em Ruína temos 6.3% dos edifícios.

Estes dados foram fornecidos pela equipa do plano de Pormenor e são de uma forma geral preocupantes.

Quadro 1 - Número de edifícios degradados, por área

Número de edifícios	área I Área comercial: 258	área II Encosta Sul - Poente: 213	área III Encosta Norte - Nascente: 44	Total: 515	Área do PDM
Número de edifícios degradados	Levantamento de edifícios degradados e devolutos (Plano de Intervenção no Edificado, Julho 2005) – 54 + 1 (área III) + 5 (Olarias) = 60			% de edifícios degradados – 129 = 25%	
	Levantamento de edifícios degradados e ocupados total ou parcialmente (Plano de Intervenção no Edificado, Julho 2005) – 59 + 7 (área III) + 3 (Olarias) = 69				

Fonte: Divisão da habitação e reabilitação urbana, Câmara Municipal de Leiria

Nota: Estes limites são ligeiramente diferentes dos da área do Plano de Pormenor

A situação actual é grave uma vez que 25% do edificado desta área está a precisar de obras urgentes, com a agravante de aproximadamente metade dos edifícios em Mau estado de conservação estarem ocupados total ou parcialmente (ver imagem 6) . Outra conclusão possível tem a ver com o facto de grande parte dos edifícios degradados se localizarem no Núcleo Central, caracterizado por edifícios de menores dimensões, de ruelas mais apertadas e onde a ligação dos moradores ao bairro apresenta indícios de forte ligação.

Por razões de ordem metodológica os vários estudos executados nesta área têm seguido aproximadamente os tipo-morfológicos como forma de facilitar a elaboração e aplicação dos trabalhos quer tenham sido ao nível espaço público quer ao nível económico e social. O estudo sócio-demográfico conclui que há diferenças na composição económica e social dos agregados das três zonas. Esta organização serve também para mostrar que apesar de um princípio comum - histórico - todas elas divergem na forma como se desenvolveram e chegaram aos nossos dias. Estamos perante áreas diferentes mas que partilham um mesmo princípio - histórico e geográfico.

O critério utilizado para a definição dos edifícios degradados foi visual e do exterior do edificado, tendo sido incluídos apenas os que apresentam indícios fortes de degradação. Nesta lista não foram incluídos os que apresentam problemas pontuais de conservação. Com uma avaliação mais rigorosa este número poderá sofrer alterações.

Na área do PDM sobressaem três zonas que divergem pela sua morfologia, história e funcionalidade.

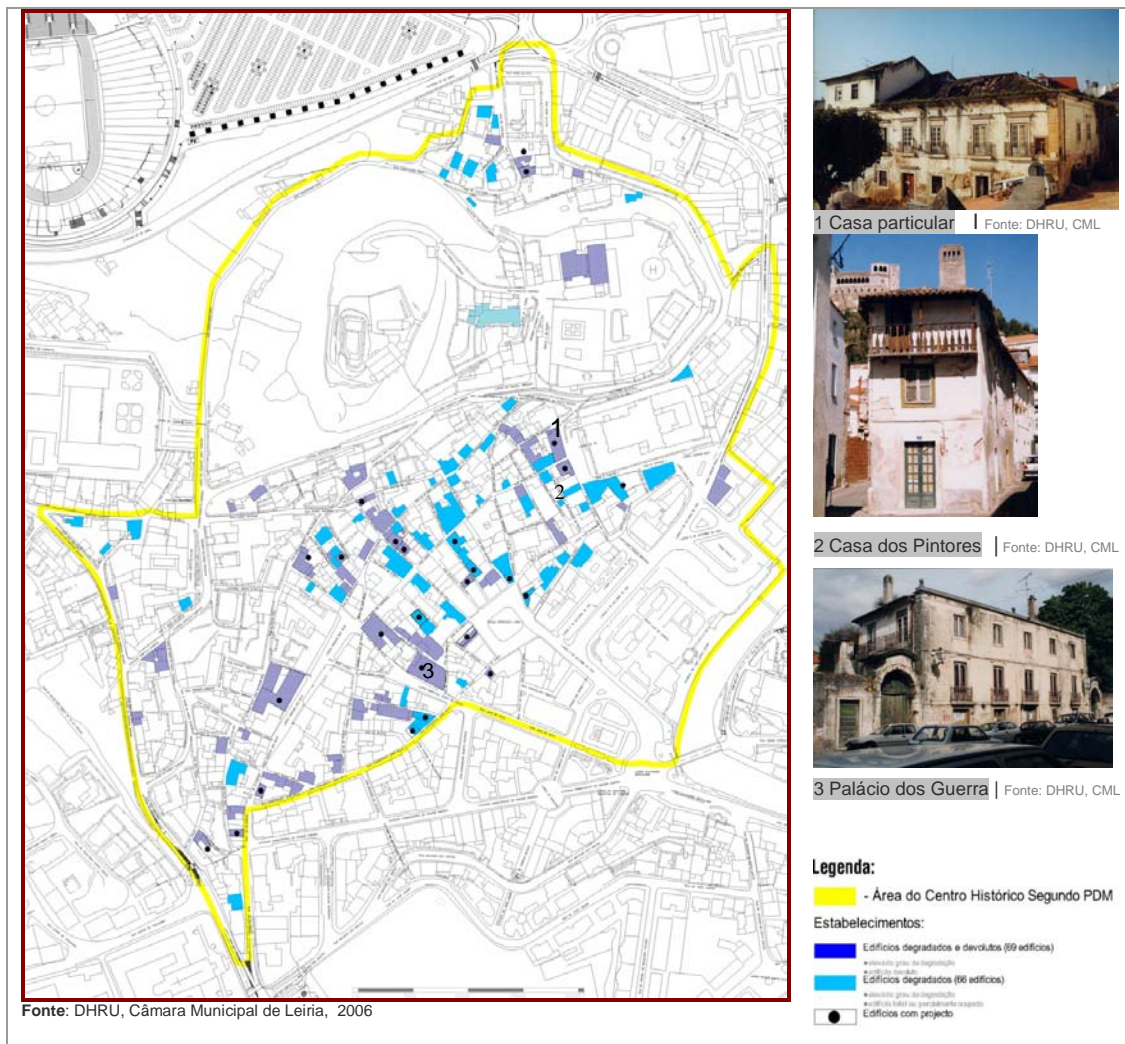
Assim, do ponto de vista arquitectónico, é na área I que há uma maior concentração de edifícios, é também aqui que o seu grau de degradação é maior, quer seja ao nível dos edifícios devolutos, ou dos ocupados total ou parcialmente.

A área II concentra menos casos de degradação, mas em termos sociais tende para um reforço do envelhecimento.

A área III, com vários exemplos de construção recente, apresenta alguns casos graves de degradação física e social, apesar de globalmente ser visível uma tendência de rejuvenescimento social. Infelizmente, esta tendência positiva não foi acompanhada por uma melhoria ao nível urbanístico. Esta realidade cria problemas quer aos residentes quer aos transeuntes que usam esta zona como via de acesso à parte superior da cidade, onde se encontram vários serviços de relevância.

Urge definir uma política de intervenção no edificado que tenha por base um importante e consistente programa de reabilitação física, social e económica do Centro Histórico no sentido de conseguir que a cidade alargada interligue harmoniosamente as partes.

Imagem 6 - Planta de localização dos edifícios degradados



3.1.2 - O espaço público

A especificidade morfológica, social e económica do Centro Histórico tem como espinha dorsal a rua **Barão de Viamonte** que liga o largo da Sé ao largo Cândido dos Reis e deste segmento emergem pequenas e várias ruelas que convergem na **Praça Rodrigues Lobo** (antiga Praça de S. Martinho) que historicamente tem assumido um importante papel cívico e cultural conferindo-lhe um simbolismo incomensurável. Era essencialmente na área circunscrita por este “triângulo” de ruas e largos que se concentravam as lojas comerciais, os serviços administrativos, financeiros e religiosos.

Imagem 7 : Fotos da Praça Rodrigues Lobo (antigamente / actualmente)



No adro da antiga Igreja de S.Martinho já funcionava, desde o final do século XIII, uma feira anual. Com a demolição deste monumento surge a praça Rodrigues Lobo com um desenho urbano que se ajustava melhor à malha urbana envolvente.

A partir da altura em que Leiria foi elevada a cidade, esta praça assumiu especial relevo em termos sociais e económicos, tendo mesmo absorvido importantes infra-estruturas políticas da época: o edifício da Câmara Municipal, a Cadeia e o Pelourinho.

Na actualidade, esta praça continua a ser considerada como “o coração da cidade”, sendo disso sintomático a quantidade de pessoas que actualmente frequenta as esplanadas, fruto também dos vários cafés/bares que abriram recentemente. Por outro lado, a Câmara Municipal e Associação Comercial de Leiria têm desenvolvido várias actividades com vista à sua dinamização.

Destacam-se, entre outras, as feiras que decorrem ao longo do ano: Feira do Livro, Artes na Praça, Feira das velharias, e decorre ainda, no último sábado de cada mês, com excepção de Abril, Agosto e Dezembro, sob o Título **“Há feira na Praça”**: a feira do Carnaval, da Primavera, Das flores e Frutos, dos Santos populares, do Verão, dos Queijos e Enchidos, do Outono, de S. Martinho e do Natal. A par destas iniciativas calendarizadas vão surgindo outras organizadas de forma mais esporádica, como desfiles de moda / outros eventos lúdicos e culturais, bem como várias iniciativas de animação infantil, exemplo disso é o comboio de Natal para as crianças.

É claro que este tipo de iniciativas também visa funcionar como âncora para a dinamização do comércio da área envolvente, que se encontra, em alguns sectores, estagnado.

Imagem 8 - Fotos de actividades da Praça (antigamente / actualmente)



O Largo Cândido Reis (Terreiro) espaço de transição entre o aglomerado urbano medieval e a periferia agrícola, era o local escolhido para realização de actividades rurais. Foi aqui que se concentraram as habitações das famílias brasonadas da cidade.

Actualmente, é um local que se destaca da malha urbana por concentrar parte dos edifícios mais importantes em termos arquitectónicos e por ser um espaço de grande vitalidade nocturna.

Ao nível da população juvenil este é o lugar de eleição para o convívio, sendo usada pelos jovens a antiga designação "Terreiro". Assume uma conotação que combina mais com os seus modos de vida: música, bebida, convívio e divertimento. O Terreiro serve para designar toda a zona histórica que alberga já um número considerável de bares. Distribuem-se desde o Largo Cândido Reis até ao Largo da Sé e Praça Rodrigues Lobo.

A agitação e confusão nocturna contrasta radicalmente com a pacatez deste local durante o dia, sendo ao fim de semana, em especial ao Domingo um lugar quase deserto.

No outro extremo da rua Direita, situa-se o Largo da Sé, destacando-se por ser o local onde se localiza a Sé Catedral e por ser um espaço de acesso à parte superior da cidade, onde se encontra o Castelo e alguns Serviços ligados ao Poder Central.

Seguindo o exemplo da Praça Rodrigues Lobo, O Largo Cândido dos Reis, espaço público de elevada importância para a cidade e Centro Histórico, necessita também de "motores" de dinamização social diurna mais fortes capazes de suscitar fluxos urbanos mais consistente que consigam dinamizar o eixo de ligação deste largo ao largo da sé, dando forçosamente mais vitalidade à Rua Direita.

Imagem 9 : Fotos da noite no Terreiro



A cidade de Leiria, tal como muitas outras no país e nas ex-colónias, tem a presença estruturante e simbolicamente marcante da denominada rua Direita, ainda que nesta cidade o seu verdadeiro nome seja o de um antigo ilustre da cidade, denominado **Barão de Viamonte**.

“A rua Direita é a que vai direita ao centro ou de um extremo ao outro, no geral de uma porta a outra porta, atravessando todo o burgo (...). É esta noção de eixo maior de atravessamento que explica a aplicação da mesma designação à artéria principal de muitos bairros (...)” (Salgueiro, 1999:328).

Na cidade de Leiria o único instrumento de Planeamento em vigor é o Plano Director Municipal, mas por ser muito genérico e abrangente e dadas as circunstâncias políticas do país o Plano de Pormenor, a ser elaborado, apresenta-se-à como uma solução urbanística para dar resposta a um projecto de requalificação urbana do Centro Histórico de Leiria. Mas a elaboração de um Plano de Pormenor só faz sentido se, em paralelo, estiver a ser definida uma política urbana e urbanística por forma a convergirem nos aspectos - chave.

Este local, além do seu valor simbólico, continua a concentrar um número elevado de comércio / serviços e infra-estruturas políticas, sociais, culturais, administrativas e outras que importa otimizar, tendo como pano de fundo a sua revitalização social e económica. Assim, o Plano de pormenor propõe definir as regras de ocupação, uso e transformação do solo.

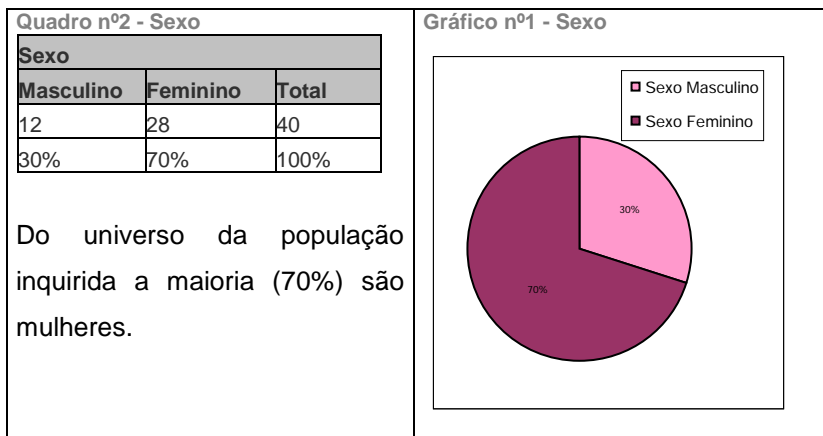
Por razões de ordem metodológica, a área do PDM foi dividida em três, tendo sido definidas com base na sua estrutura morfológica e funcional. Assim, temos a área I demarcadamente mista – comércio / serviços e habitação, a área II e a III têm um cariz essencialmente residencial.

Em termos morfológicos a área em estudo apresenta algumas diferenças. A área I caracteriza-se por uma malha apertada datada do século XV, composta por ruas e edifícios estreitos, possuidora de uma riqueza histórica em termos de conjunto, cuja época de construção é, regra geral, dos anos 40 do século XX; a área II, mais desvirtuada em termos arquitectónicos, obedece fielmente à sua morfologia antiga mas possui um número considerável de edifícios construídos posteriormente à década de 70; a área III possui uma morfologia muito própria, cujas origens remontam também ao século XV na zona do Arrabalde D`Aquém, de ruas estreitas, sem passeios, com edifícios do século XX (anos 40), atingiu um índice de degradação muito elevado nas décadas de 70/80, tendo passado por um novo impulso em termos de construção posteriormente à década de 90. A zona envolvente à Avenida Mouzinho de Albuquerque, objecto de intervenção mais recente, constituinte ainda da mesma área, possui já uma estrutura diferente, com ruas mais largas e edifícios característicos dos anos 40 /70.

O espaço público assume um papel de destaque dentro dos elementos que estruturam o sistema urbano. O espaço público inclui todas as áreas não edificadas pertencentes ao domínio público e é essencialmente neste domínio que se centra a grande responsabilidade das Autarquias. Por outro lado, é o espaço público que se encarrega por estabelecer a ligação com as demais dimensões da urbe, sendo pois de extrema importância definir políticas urbanas que promovam a qualidade do mesmo e que permitam que este respeite a identidade e memória de um povo, na medida em que se assume como o palco das relações sociais e dos modos de vida.

3.2 - Caracterização dos transeuntes - variáveis clássicas

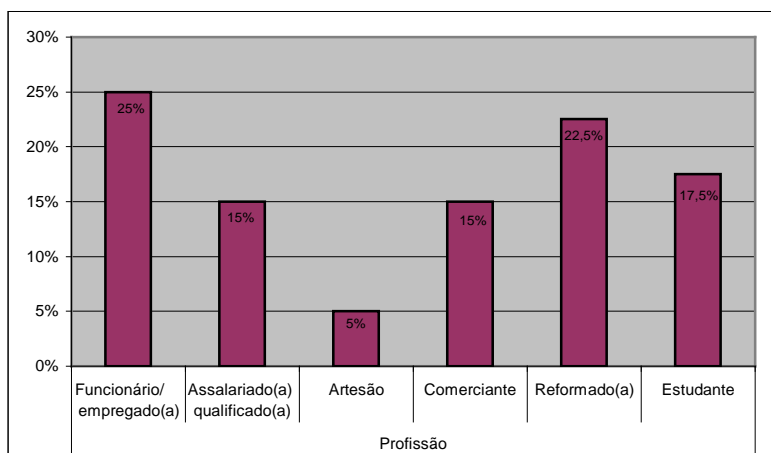
3.2.1 - Sexo



3.2.2 - Profissão

Funcionário/ empregado(a)	Assalariado(a) qualificado(a)	Artesão	Comerciante	Reformado(a)	Estudante	Total
10	6	2	6	9	7	40
25%	15%	5%	15%	22,5%	17,5%	100%

Gráfico nº2 - Profissão



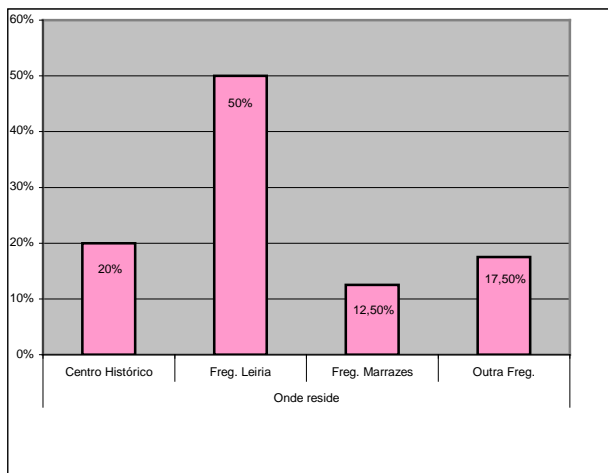
Quando analisada a variável clássica - profissão - as mais representadas neste estudo são os funcionários / empregados (25%) , os reformados (22,5%) e os estudantes (17,5%).

3.3 - Movimentos Urbanos

3.3.1 - Onde reside

Centro Histórico	Freg. Leiria	Freg. Marrazes	Outra Freg.	Total
8	20	5	7	40
20%	50%	12,50%	17,50%	100%

Gráfico nº3 - Onde reside

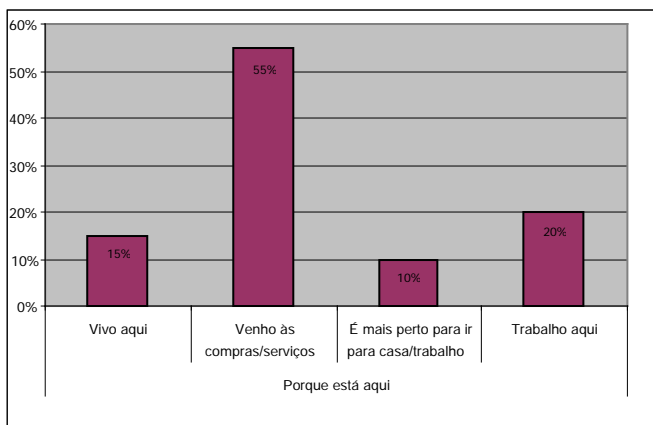


A questão da residência é pertinente para relacionar com a tão badalada “desertificação” do Centro Histórico”. Estes resultados permitem-nos contrariar a ideia do senso comum segundo a qual “ninguém” vai a este local por não haver nada de atractivo. Não deixa de ser curioso que 50% dos inquiridos reside na freguesia de Leiria, 20% reside no Centro Histórico e 12,5% na freguesia de Marrazes. Afinal, estes resultados confirmam que a maioria (80%) dos transeuntes reside fora do Centro Histórico.

3.3.2 - Motivo de ida ao CH

Quadro nº5 - Porque se encontra neste local				
Vivo aqui	Venho às compras/serviços	É mais perto para ir para casa/trabalho	Trabalho aqui	Total
6	22	4	8	40
15%	55%	10%	20%	100%

Gráfico nº4 - Motivo de ida ao CH

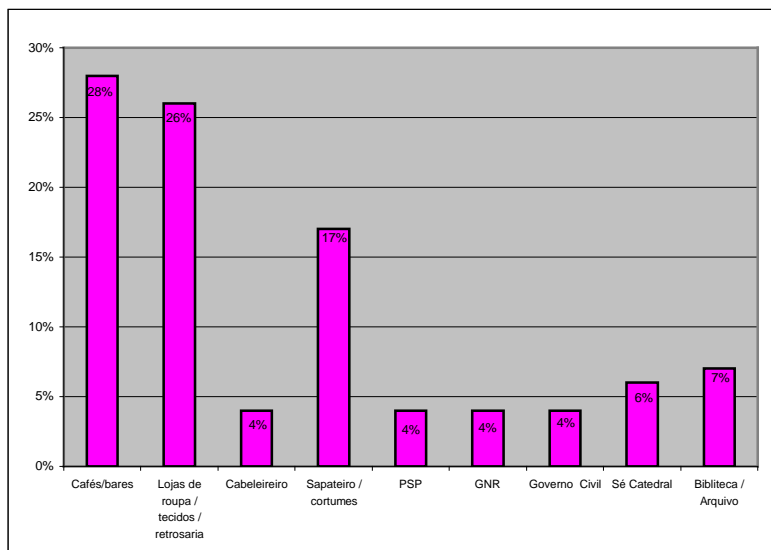


Esta questão foi feita com o intuito de perceber as principais motivações das pessoas para irem ao Centro Histórico. Se cruzarmos esta questão com a anterior mais uma vez constatamos que este local tem bastante importância em termos comerciais, na medida em que um número considerável de pessoas se desloca ao CH. para fazer compras ou usufruir de determinados serviços. É claro que neste grupo de pessoas se encontra um número significativo que frequenta os cafés / bares.

3.3.3 - Sectores comerciais mais frequentados

Quadro nº6 - No CH quais os comércios/serviços que mais frequenta									
Cafés/bares	Lojas de roupa / tecidos / retrosaria	Cabeleireiro	Sapateiro / cortumes	PSP	GNR	Governo Civil	Sé Catedral	Biblioteca / Arquivo	Total
25	23	4	15	4	4	4	5	6	90
28%	26%	4%	17%	4%	4%	4%	6%	7%	100%

Gráfico nº5 - Motivo de ida ao CH



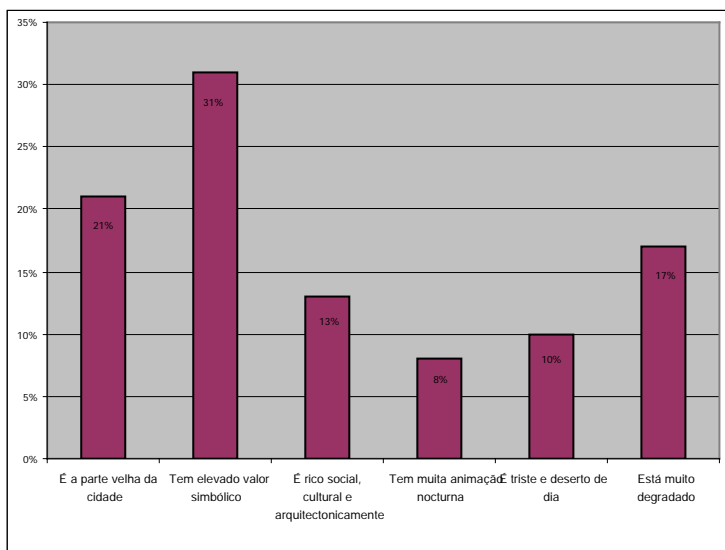
Os comércios/serviços mais frequentados no Centro Histórico são cafés/bares (28%) lojas de roupa/retrosaria (26%) e sapateiros/cortumes. O facto de serem os cafés/bares a ocuparem o primeiro lugar deve ser analisado tendo em atenção que a maioria dos inquiridos tem sido feita na Praça Rodrigues Lobo e no Terreiro, local onde há uma concentração maior de cafés e bares.

3.4 - Relação com o Centro Histórico

3.4.1 - Definição de Centro Histórico

Quadro nº7 - O que é para si o CH						
É a parte velha da cidade(importância Histórica)	Tem elevado valor simbólico	É rico social, cultural e arquitectonicamente	Tem muita animação nocturna	É triste e deserto de dia	Está muito degradado	Total
10	15	6	4	5	8	48
21%	31%	13%	8%	10%	17%	100%

Gráfico nº6 - Definição de Centro Histórico

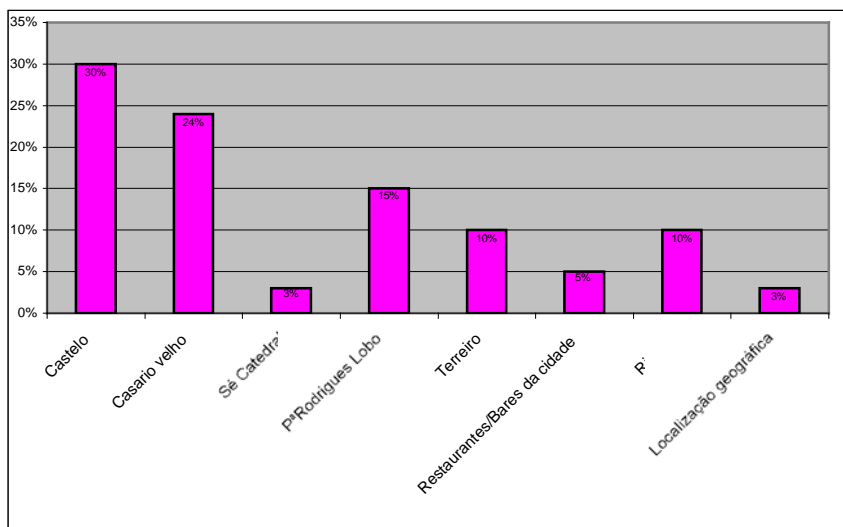


Esta questão foi feita com o intuito de analisar a importância histórica e simbólica do CH. De acordo com os resultados, esta zona continua a assumir elevada importância em termos simbólicos. Uma parte significativa dos inquiridos (73%) atribui características bastante positivas ao local. Por outro lado, temos apenas 27% das pessoas a catalogá-lo como triste e degradado. Nestes resultados estão incluídas pessoas que apesar de reconhecerem a importância histórica de parte importante do centro da cidade, estão de certa forma desiludidas devido ao seu avançado estado de degradação física e social.

3.4.2 - Elementos identitários da cidade

Quadro nº8 - Quando descreve a cidade a que elementos recorre mais frequentemente							
Castelo	Casario velho	Sé Catedral	P ^a Rodrigues Lobo	Terreiro	Rio Lis	Localização geográfica	Total
28	22	3	14	13	9	3	92
30%	24%	3%	15%	15%	10%	3%	100%

Gráfico nº7 - Quando descreve a cidade a que elementos recorre mais frequentemente



Ao analisarmos estes resultados verificamos que o Centro Histórico (castelo, casario velho, P^a Rodrigues Lobo...) continua a ser usado como o principal factor de descrição e caracterização da cidade, apesar do limite da cidade se ter expandido consideravelmente nos últimos trinta anos.

3.4.3 - A vizinhança

Quadro nº9 - Como considera as relações de vizinhança		
Respostas:	Freq.	%
Boas	45	75%
Razoáveis	11	18%
Más	3	5%
Não Respondeu	1	2%
Total:	60	100%

Fonte: Inquérito à população do Centro Histórico, 1999

Com as alterações operadas ao nível social, económico e cultural, as relações de vizinhança têm passado por mudanças significativas. Porque os modos de vida evoluem, o individualismo aumenta e reforça novas redes de sociabilidade tornando-se cada vez mais difícil classificar os comportamentos e manifestações sociológicas.

Contudo, o Centro Histórico de Leiria, apesar de conter uma massa populacional considerável cujas origens não são daqui, ainda é possível encontrar indicadores que nos permitem afirmar a existência de fortes relações de vizinhança, mais consistentes na população idosa e residente há mais tempo.

Os resultados dos inquéritos acima referidos permitem-nos constatar que a maioria da população -75% - considera que as relações de vizinhança são Boas e ainda que 18% as catalogam como Razoáveis. Apenas 5% dos inquiridos consideram que as relações são más. Neste último caso as pessoas referem-se mais às bisbilhotices, características destes meios pequenos, do que propriamente a relações conflituosas.

Ao nível das relações de vizinhança conclui-se que são mais fortes na população cuja vivência se confunde com o bairro e essencialmente ao nível dos idosos que, pelo isolamento social em que se encontram, reforçam os laços de convivência entre si.

Por outro lado, os moradores de passagem porque têm modos de vida diferentes, estabelecem relações de vizinhança mais "limitadas e frágeis". Esta realidade permite-nos afirmar que há uma dualidade de relações, sendo portanto necessário acautelar as formas de intervenção no Centro Histórico para se poder defender pelo menos uma evolução ao nível das relações de vizinhança.

3.4.4 - A violência

Perceber a relação da violência com o bairro é fundamental. Este ponto é de extrema importância no sentido de se proceder à catalogação do tipo de violência, aos locais onde estas manifestações são mais frequentes e ainda analisar se são espontâneas ou se existem formas organizadas de violência.

Quadro nº10 - Expressões de violência											
Assaltos		Agressões físicas		Agressões orais		Actos de vandalismo		Não sabe		Total	
13	22%	1	2%	5	8%	23	38%	18	30	60	100%

Fonte: Inquérito à população do Centro Histórico, 1999

A zona em análise está longe de se catalogar como violenta apesar de se constatar a existência de alguns comportamentos desviantes.

Dentro dos vários tipos de violência são os actos de vandalismo, com 38%, e os assaltos, com 22%, os que ocorrem com mais frequência.

Convém ainda salientar que os assaltos ocorrem com mais frequência na área II, mais concretamente na Rua Alfredo Keil, e Escadas de Santo Estevão.

Uma das classes sociais que mais é atingida pelos assaltos é a dos estudantes da escola Secundária Domingues Sequeira, independentemente de residirem no CH., que escolhem a passagem pelo Centro Histórico como meio de acesso à escola.

As queixas dos moradores ocorrem essencialmente durante o dia, com excepção dos actos de vandalismo (vidros partidos, dejectos em ruas mais escondidas) e as agressões orais (direccionadas principalmente para os moradores que vão à janela apelar à calma) que resultam essencialmente do ambiente nocturno agitado.

A Zona Histórica, ao se assumir como um pólo de atracção nocturna, devido à concentração de restaurantes e bares, tem um ambiente agitado durante a noite que contrasta com o sossego de dia. Salienta-se a vivacidade e a riqueza social que se opera nesta área, tendo como palco das relações sociais o famoso Terreiro e a Rua Direita, símbolos de divertimento nocturno para as camadas mais jovens de toda a área urbana.

3.4.5 - Viver aqui

Quadro nº11 - O agregado pretende continuar a viver no Centro Histórico								
	área I	%	área II	%	área III	%	área do PDM	
Sim	128	91.4%	158	78.2%	42	93.3%	328	85%
Não	12	8.6%	24	11.9%	2	4.4%	38	10%
Não respondeu	0	0%	20	9.9%	1	2.2%	21	5%
Total:	140	100%	202	100%	45	100%	387	100%

Fonte: DINIS, Cristina (2005) Estudo sóciodemográfico, CML.

Depois de analisar os resultados do quadro anterior, os dados são muito satisfatórios, uma vez que nas três áreas a maioria da população inquirida gosta de viver no Centro Histórico. É curioso constatar que é na Área II que a percentagem de pessoas que não gosta de viver neste local é maior (11.9%) e vai diminuindo gradualmente da área I (8.6%) até à área III (4.4%).

Estes dados são muito positivos, uma vez que ao nível da definição das estratégias de recuperação do Centro Histórico e da atracção de novos moradores, os resultados supra referidos podem ser usados como indicadores de satisfação dos actuais residentes.

Quadro nº12 - Quer continuar a viver no C.H, porquê:								
Respostas:	área I	%	área II	%	área III	%	área do PDM	
É um local bonito	31	25%	62	39%	10	24%	103	32%
O ambiente social é agradável	18	14%	20	13%	3	7%	41	12%
Porque está no centro da cidade	54	43%	52	33%	20	48%	126	39%
Boa acessibilidade automóvel			3	2%			3	1%
Razões familiares	10	8%	13	8%	2	5%	25	8%
É habitação da segurança social					7	17%	7	2%
Local de trabalho	2	2%	1	1%			3	1%
Questões financeiras	10	8%	5	3%			15	4%
Foi o que encontramos			2	1%			2	1%
Total:	125	100%	158	100%	42	100%	325	100%

Fonte: DINIS, Cristina (2005) Estudo sócio-demográfico, CML.

Em todas as áreas, as principais razões apontadas para gostar de viver no Centro Histórico têm a ver com a sua beleza e centralidade.

A questão da centralidade, cruzada com a do local de trabalho (5.1), permite-nos confirmar que a maioria dos moradores activos trabalha na freguesia de Leiria (50%), na Zona Histórica (22%) e nos Marrazes (5%), tendo sido a localização um dos factores tidos em conta para escolha da localização da habitação.

Quadro nº13 - Não quer continuar a viver no C. H, porquê:								
Respostas:	área I	%	área II	%	área III	%	área do PDM	
O ambiente social é desagradável	6	55%	1	4%			7	19%
Porque está no centro da cidade			3	13%			3	8%
Motivos profissionais	2	18%	4	17%	1	50%	7	19%
Estado de degradação	3	27%	8	33%	1	50%	12	32%
Tem outra casa			2	8%			2	5%
Barulho nocturno			4	17%			4	11%
Vai para um lar			2	8%			2	5%
Total	11	100%	24	100%	2	100%	37	100%

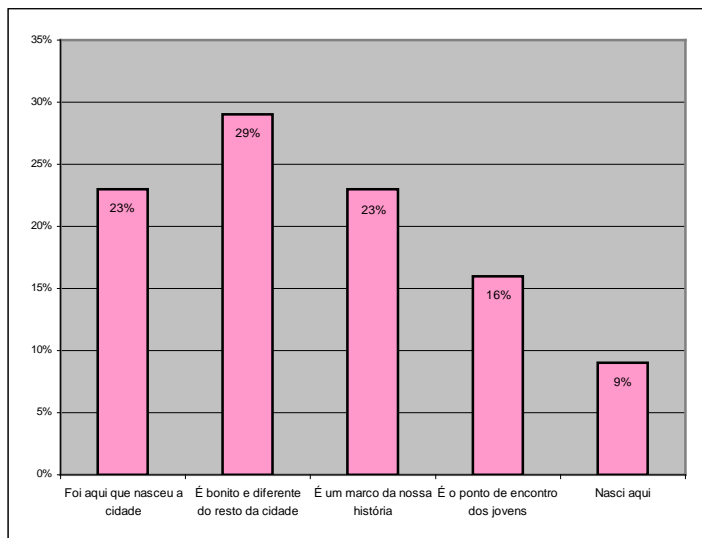
Fonte: DINIS, Cristina (2005) Estudo sócio-demográfico, CML.

As pessoas que não gostam de viver no Centro Histórico, na área I, justificam tal facto devido ao Ambiente social desagradável (55%) e ao Estado de degradação (27%); na área II, marcada por um maior descontentamento, as razões mais apontadas foram: o Estado de degradação (33%), o Barulho nocturno (17%) e os Motivos profissionais (17%); por sua vez, na área III, o descontentamento é justificado com o Estado de degradação e os Motivos profissionais.

3.3.6 - Gosto pelo local

Quadro nº14 - Gosta do CH						Gosta do CH		
Sim (92,5%) porque:						Não (7,5%) porque:		
Foi aqui que nasceu a cidade	É bonito e diferente do resto da cidade	É um marco da nossa história	É o ponto de encontro dos jovens	Nasci aqui	Total	Está muito degradado e as obras que fazem não respeitam a traça original	Total	
10	13	10	7	4	44	3	3	
23%	29%	23%	16%	9%	100%	100%	100%	

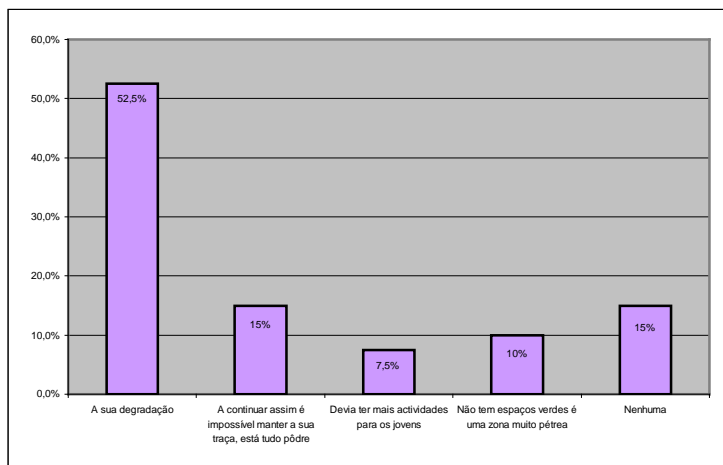
Gráfico nº8 - Gosta do CH



3.4.7 - Principais motivos de preocupação

Quadro nº15 - Qual a sua principal preocupação em relação ao CH					
A sua degradação	A continuar assim é impossível manter a sua traça, está tudo podre	Devia ter mais actividades para os jovens	Não tem espaços verdes é uma zona muito pétrea	Nenhuma	Total
21	6	3	4	6	40
52,5%	15%	7,5%	10%	15%	100%

Gráfico nº9 - Qual a sua principal preocupação em relação ao CH

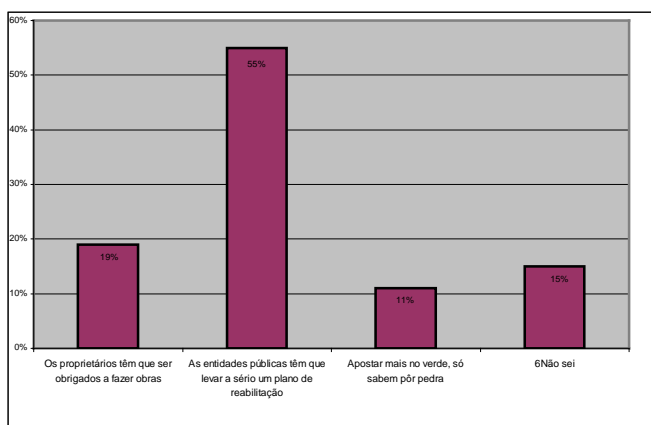


Após a leitura dos resultados é bem visível a preocupação das pessoas em relação ao Centro Histórico, na medida em que 67% dos inquiridos estão preocupados com o avançado estado de degradação e a consequente dificuldade em manter a traça original. Apenas 15% dos inquiridos não tem qualquer opinião sobre o local.

3.5 - Acções a definir

Quadro nº16 - O que considera urgente fazer para alterar a situação				
Os proprietários têm que ser obrigados a fazer obras	As entidades públicas têm que levar a sério um plano de reabilitação	Apostar mais no verde, só sabem pôr pedra	Não sei	Total
9	26	5	7	47
19%	55%	11%	15%	100%

Gráfico nº10 - Qual a sua principal preocupação em relação ao CH



A população inquirida tem na sua grande maioria opinião formada sobre o que é necessário fazer e sobre que actores recaem as principais responsabilidades. Neste sentido, o avançado estado de degradação do CH é da responsabilidade das entidades públicas e dos proprietários dos edifícios.

4 - Conclusão

Depois de uma breve descrição da importância histórica e simbólica do espaço físico do Centro Histórico, constata-se que está imbuído de um “charme especial” não por apresentar uma riqueza arquitectónica elevada mas por possuir características que o valorizam em termos de conjunto.

Constata-se que a área apresenta um índice de degradação do edificado bastante elevado e que o ritmo das intervenções tem sido insuficiente para reabilitar a zona no seu todo.

Ao nível do espaço público, há áreas cujo estado de conservação é mais problemático. O núcleo central - área comercial - encontra-se em relativo Bom Estado, uma vez que sofreu obras de requalificação, realizadas ao abrigo do programa PROCOM / URBCOM. Na área II - encosta Sul-Poente - sobressaem alguns problemas de conservação, iluminação e limpeza que ainda não foram resolvidos, apesar de estar concluído um projecto de intervenção para o espaço público, a realizar no âmbito do programa Polis, mas devido aos cortes financeiros não foi possível passar do papel à prática. A área III - Encosta Norte/Nascente – apresenta problemas graves ao nível dos arruamentos, passeios, estacionamento e falta de iluminação.

É urgente uma política de reabilitação que tenha como principal ponto de interesse o espaço público desta zona, uma vez que é uma área que, pela sua centralidade e juventude de parte do edificado, tem atraído população jovem (estudantes e recém licenciados). Por outro lado, em termos de mobilidade

urbana, este local funciona como plataforma de ligação da parte Norte da cidade à zona superior, onde se encontra o Castelo e outras infra-estruturas, sociais e educacionais importantes.

Uma das constatações importantes tem a ver com o facto de a maioria dos inquiridos residir na freguesia de Leiria ou outra, pois seria de esperar que o maior número de pessoas a transitar no C.H. fosse residente ou comerciante. Os sectores comerciais mais frequentados são os cafés/bares e as lojas de roupa/retrosaria. Estes dados refutam a ideia do senso comum de que “ninguém vai ao Centro Histórico”, uma vez que continuam a haver factores atractivos suficientes para as pessoas, mesmo quando residem fora do limite da área em análise.

Esta zona possui uma forte conotação histórica e simbólica, sendo de destacar o casario velho, o Castelo de Leiria, a praça Rodrigues Lobo e o Terreiro (este último referido essencialmente pela população jovem), na medida em que continuam a ser os principais elementos de referência não só para o Centro Histórico como para a cidade. Ora, estas e outras constatações permitem-nos afirmar que este local continua a assumir o papel de Centro em termos económicos, sociais e identitários, apesar de se ter alterado o grau de representatividade de cada uma das dimensões urbanas.

O gosto e consideração das pessoas pelo Centro Histórico sobressai de forma especial, sendo por vezes acompanhado de uma certa desilusão, uma vez que quando se lhes pergunta sobre o que está mal, é o avançado estado de degradação que mais incomoda a população, lamentando ainda o facto de o processo de recuperação estar a ser desenvolvido de forma muito lenta.

A principal conclusão que este trabalho nos permite afirmar é que o Centro Histórico continua a assumir um papel de destaque na memória dos leirienses, na medida em que os principais elementos de referência da cidade, quer em termos físicos, sociais, culturais e simbólicos se circunscrevem a esta pequena área. A identidade urbana de Leiria cruza-se com a identidade urbana do Centro Histórico, ainda que a forma da cidade tenha sofrido profundas alterações desde os anos 60 até à actualidade.

5 - Bibliografia

CASTTELS, Manuel (1976) “Lutas Urbanas e Poder Político”, Porto, Afrontamento, pp.9-48.

DINIS, Cristina (1999) “A Reabilitação do Bairro Histórico de Leiria”, relatório de estágio, Universidade do Minho / Câmara Municipal de Leiria.

DINIS, Cristina (2003,2004,20005) “Estudo Sócio-Demográfico do Centro Histórico da cidade de Leiria, área I, II, III”, Câmara Municipal de Leiria.

FERNANDES, A. Teixeira (1983) “O Conhecimento Sociológico” Brasília editora, Porto.

GUERRA, Isabel et al (1999) “A Baixa Pombalina – Diagnóstico, Prospectiva e Estratégia de Actores” Celta editora, Lisboa.

PARK, Robert (1967) “A cidade: Sugestões Para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano” in VELHO, O Fenómeno Urbano, Rio de Janeiro, Zahar editora.

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE MINISTROS nº 84/95, ratifica o Plano de Director Municipal de Leiria.